

Simulação Gerencial: Uma Proposta de Introdução e Adequação do Método aos Cursos de Graduação em Administração e Ciências Contábeis

Autoria: Ricardo Rodrigo Stark Bernard, José Carlos de Souza Filho

Resumo

A ciência administrativa, diferentemente das ciências exatas e biológicas, carece de aplicações para integração da teoria aprendida na academia às práticas presentes no meio empresarial, criando um distanciamento entre teoria e prática. Um método que os cursos de graduação em Administração e Ciências Contábeis dispõem para reduzir este distanciamento é a simulação gerencial, também chamada de jogos de empresas, jogos de negócios e simulação empresarial. O método apresenta como um de seus principais benefícios a possibilidade de integração das disciplinas curriculares, proporcionando uma visão sistêmica não apenas do curso, mas, sobretudo, do funcionamento de uma empresa. Embora muito utilizado no exterior, apenas recentemente este método está sendo utilizado de forma mais sistemática no meio acadêmico brasileiro. Aproveitando a experiência de mais de uma década na utilização regular deste método, bem como na capacitação de professores para a sua utilização, os autores apresentam os aspectos mais importantes para a decisão de introduzir e, posteriormente, implantar o método nos cursos de graduação em Administração e Ciências Contábeis. Estes aspectos devem servir de subsídio para incentivar o debate sobre a utilização do método de simulação gerencial no meio acadêmico brasileiro.

Introdução

A ciência administrativa, diferentemente das ciências exatas e biológicas, carece de aplicações para integração da teoria aprendida na academia às práticas presentes no meio empresarial, criando um distanciamento entre teoria e prática. Um método que os cursos de graduação em Administração e Ciências Contábeis dispõem para reduzir este distanciamento é a simulação gerencial, também chamada de jogos de empresas, jogos de negócios e simulação empresarial. O método apresenta como um de seus principais benefícios a possibilidade de integração das disciplinas curriculares, proporcionando uma visão sistêmica não apenas do curso, mas, sobretudo, do funcionamento de uma empresa.

O método de simulação gerencial existe há mais de 50 anos (Andligner, 1958), já estando consolidado no meio acadêmico dos Estados Unidos. Faria (1987), por exemplo, cita que o método é utilizado por cerca de 1.900 faculdades de administração naquele país. No Brasil, o uso acadêmico do método iniciou-se em meados da década de 60. As universidades pioneiras foram a Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Universidade de São Paulo - USP, Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP e Fundação Getúlio Vargas - FGV (Tanabe, 1977). Em recente pesquisa para identificação das características estruturais de uso da simulação gerencial nos cursos de graduação em Administração e Ciências Contábeis, Bernard (2006) obteve uma amostra de 308 cursos que a utilizam, indicando que a sua aplicação nestes cursos vem ganhando espaço, e já é uma realidade no Brasil.

Entretanto, os autores deste artigo questionam se a introdução do método nas diversas instituições de ensino que o utilizam foi fruto de uma discussão pedagógica aprofundada, ou apenas a consequência de um mimetismo acadêmico. Este artigo tem por objetivo incentivar a discussão sobre o uso da simulação gerencial, apresentando importantes aspectos para a sua introdução e implantação nos cursos de Administração e Ciências Contábeis. O primeiro aspecto a ser analisado se refere ao objetivo do método quando de sua utilização regular nos cursos de graduação citados. Se utilizado como disciplina específica, aspectos relacionados ao momento de sua introdução na matriz curricular e a sua articulação com as disciplinas correlatas também devem ser discutidos.

Uma vez que o método de simulação gerencial conste no currículo do curso, então outros pontos devem ser considerados para que ele possa efetivamente contribuir para a melhoria na formação profissional dos estudantes. Aspectos de estruturação da disciplina, tais como programação, avaliação dos alunos e referências bibliográficas, devem ser observados. Diferentes aspectos relacionados à sua avaliação devem ser entendidos e analisados, conforme descrito por Feinstein & Cannon (2002). Finalmente, o professor que o utiliza também deve ter algumas características específicas para uma boa aplicação do método. Todos estes tópicos serão discutidos neste artigo. Questões introdutórias e procedurais da simulação gerencial, tais como a sua definição, características e condução das atividades, não serão abordadas neste artigo. A iniciação aos conceitos fundamentais do método pode ser obtida em Keys & Wolfe (1990).

O uso atual do método no Brasil

Em recente pesquisa sobre o uso do método no Brasil, Bernard (2006) contactou 1.529 coordenadores de curso de graduação em Administração e 871 coordenadores de curso de

Ciências Contábeis por carta, e-mail, ou ambos. Foram obtidos 308 retornos (12,8%), sendo 197 da Administração e 111 de Ciências Contábeis. Nos retornos do curso de Administração, 121 coordenadores informaram que o curso utiliza o método, sendo 80 cursos com status de disciplina específica. Já no curso de Ciências Contábeis, das 111 respostas obtidas, 32 coordenadores informaram que o curso utiliza o método como uma disciplina específica, enquanto 16 o utilizam em disciplinas correlatas.

Analisando mais detalhadamente os dados, Bernard (2006) constatou que em 67 cursos de Administração (84%) e em 28 cursos de Ciências Contábeis (88%) a inclusão da disciplina específica de simulação gerencial (muitas vezes chamada de jogos de empresas) ocorreu a partir do ano 2000, sugerindo que a disseminação do método é um fenômeno recente. Segundo o autor, as disciplinas baseadas neste método tiveram um grande aumento, entre outros motivos, pelo crescimento do número de cursos de graduação em Administração e Ciências Contábeis no país, e pelas novas diretrizes do Ministério da Educação sugerindo a inclusão de mais atividades pedagógicas para integração da teoria com a prática nestes cursos.

O objetivo do uso do método

A utilização do método de simulação gerencial nos cursos de Administração ou Ciências Contábeis pode ocorrer de forma acessória ou central. Na sua forma acessória, o método é utilizado como atividade complementar de uma disciplina tradicional do curso. Por exemplo, o professor da disciplina de Administração de Produção do curso de Administração pode utilizar um simulador de programação de produção para consolidar conceitos previamente discutidos por ele. Já no curso de Ciências Contábeis, o professor de Contabilidade Tributária pode utilizar um simulador de contabilização de impostos para exemplificar o planejamento tributário. Em ambos os casos, utilizam-se poucas horas da disciplina e o simulador provavelmente será do tipo funcional, ou seja, irá abordar uma área específica, vinculada a uma disciplina tradicional do currículo. Na aplicação acessória, o objetivo da utilização do método é claro, ou seja, auxiliar na fixação dos conceitos teóricos da disciplina tradicional através de uma aplicação prático-simulada. A discussão que será feita neste artigo é, portanto, marginalmente direcionada a este tipo de aplicação do método. O foco principal será dado à utilização do método em sua forma central.

O método de simulação gerencial é utilizado de forma central no curso, quando vinculado à uma disciplina específica. Esporadicamente, o método também pode ser utilizado de forma central, por reorientação de uma disciplina já existente como, por exemplo, “Tópicos Especiais”. A primeira preocupação quando da utilização do método por meio da inserção de uma disciplina específica, ou reorientação de uma disciplina existente em um curso de graduação em Administração ou Ciências Contábeis, deve ser o objetivo de sua utilização.

Existem inúmeras formas de utilização da simulação gerencial, mas quando associada à uma disciplina específica em um curso de graduação, o seu objetivo fica delimitado. Para o curso de Administração, o principal objetivo deve ser o de integração interdisciplinar, proporcionando uma visão sistêmica do funcionamento das empresas e permitindo que os alunos exercitem os conceitos teóricos apreendidos nas disciplinas anteriores em um contexto holístico.

Para o curso de Ciências Contábeis, o objetivo de uma disciplina específica em simulação gerencial também é de integração curricular, mas em um contexto mais restrito. As disciplinas

diretamente afetadas estão ligadas à contabilidade gerencial. Além disto, os alunos também terão a oportunidade de visualizar na prática simulada a real utilidade das informações contábeis para os tomadores de decisão. Resumidamente, o principal objetivo desta disciplina do curso de Ciências Contábeis é o de proporcionar a seus alunos uma visão da utilidade da contabilidade gerencial, permitindo também a solidificação de conceitos teóricos destas disciplinas e fornecendo uma visão do funcionamento das empresas nas suas diferentes áreas.

Estruturação da disciplina

Tendo definido o objetivo geral para a disciplina, os objetivos específicos podem ser detalhados considerando eventuais ênfases dadas ao currículo. Questões estruturais ligadas à disciplina referem-se aos pré-requisitos, carga horária total, número de horas semanais, programação, bibliografia, questões operacionais, sistema de avaliação dos alunos e escolha do professor para ministrar a disciplina. A avaliação dos alunos e a escolha do professor são aspectos muito importantes e serão discutidos em tópicos específicos. Os demais itens estruturais são discutidos a seguir.

Os pré-requisitos para a disciplina estão diretamente relacionados ao período em que estas serão inseridas no currículo. Pelo objetivo integrador da disciplina, é aconselhável incluí-la no final da matriz curricular. Em sua pesquisa, Bernard (2006) identificou que 72,5% dos cursos de Administração incluíram a disciplina de simulação gerencial no final da matriz curricular, 25% na metade, e 2,5% (equivalente a 2 cursos) no início. Já para o curso de Ciências Contábeis, 87,5% optaram por incluir a disciplina no final e 12,5% na metade do curso. Um dos autores deste artigo teve uma breve experiência na utilização da simulação gerencial para alunos da primeira fase de um curso de graduação em Administração, que lhe permitiu constatar a carência de conceitos gerenciais aos alunos para a participação em uma simulação gerencial. A introdução da simulação gerencial no início do curso parece ser justificada apenas como um fator de sensibilização do tipo “vejam o que é administrar uma empresa. É isto que vocês irão aprender no curso”. Entretanto, para o método ser eficaz, é aconselhável a sua utilização no final do currículo. Assim, os pré-requisitos devem ser definidos de modo a permitir que apenas alunos do último ano do curso possam cursar esta disciplina.

A carga horária total da disciplina, bem como o número de horas semanais, está diretamente relacionada ao regime do curso (semestral ou anual) e à dinâmica da simulação gerencial. O processo de tomada de decisão em uma simulação gerencial dura, em média, duas horas para os primeiros períodos simulados e uma hora para os últimos. Assim, duas horas semanais, ou o dobro disto para duas tomadas de decisão semanais, é o número ideal, como obtido por Bernard (2006). A carga horária total é, então, obtida pela multiplicação das horas semanais pelo número de semanas da disciplina. Um pequeno alerta deve ser feito com relação ao número de períodos simulados. Este número não deve ser superior a 10-12, pois as posições das empresas tendem a se estabilizar, desestimulando os alunos que estejam gerenciando as empresas simuladas com piores desempenhos. Assim, quando a carga horária da disciplina for elevada, é aconselhável realizar duas simulações, utilizando o mesmo simulador, mas com cenários distintos ou com simuladores distintos, por exemplo, um industrial e outro comercial.

A programação de uma disciplina de simulação gerencial segue um formato padrão. Os dois primeiros dias de aula são dedicados à apresentação da disciplina e da simulação gerencial, com a divisão dos alunos em equipes que irão assumir a gestão de empresas simuladas. A seguir é realizado um primeiro período simulado, intitulado período de “teste” ou

“aquecimento”. Este período tem por objetivo a familiarização do processo de tomada de decisões e da dinâmica da simulação. O resultado deste período é, então, avaliado, permitindo que os alunos refaçam as decisões para que o período possa ser reprocessado. As próximas aulas são destinadas à realização de vários períodos simulados, com os alunos tomando decisões em sala de aula e recebendo os relatórios empresariais antes da aula seguinte, para que possam realizar previamente as análises de erros e acertos cometidos. Com o advento da Internet, a maioria dos novos simuladores já permite disponibilizar os relatórios diretamente em um site, dispensando a sua impressão e entrega aos alunos, bem como permitindo disponibilizar outras informações via web e, eventualmente, até controlando os acessos ao site para ser utilizado como um dos critérios de avaliação dos alunos.

Depois de alguns períodos simulados, uma aula deve ser dedicada às avaliações preliminares, com o professor podendo exigir trabalhos escritos, tais como, planejamento estratégico, relatório de avaliação ou planilha de custos. Nesta aula também pode haver troca de alunos entre equipes para dar maior realismo à simulação. Uma nova rodada de períodos simulados deve, então, ser realizada até que haja o encerramento da simulação. Na última aula da disciplina devem ser feitas as avaliações finais. Nesta aula os alunos devem discutir as estratégias adotadas, os sucessos e fracassos, as experiências vividas com a simulação gerencial, bem como o aprendizado obtido com esta experiência. Um aspecto importante a ser levantado é a necessidade de o professor criar incidentes a cada período, principalmente na segunda rodada de decisões, para simular da forma mais realista possível o cenário empresarial. Estes incidentes são relativos a restrições de insumos, negociação sindical, negociação com fornecedores, instabilidades macroeconômicas e concorrenciais, etc.

A bibliografia de uma disciplina de simulação gerencial deve iniciar pela apostila do funcionamento da empresa simulada. O nome desta apostila geralmente é Manual da Empresa, Manual do Participante, ou Manual do Jogador, sendo fornecida juntamente com o respectivo simulador. Além disto, algumas referências básicas de disciplinas correlatas também podem ser adicionadas. Um erro cometido por alguns professores na elaboração do Plano de Ensino é a inclusão de referências bibliográficas focadas no uso do método e a discussão do método. Estas referências são mais apropriadas em uma disciplina de mestrado onde sejam discutidas questões de validação da simulação como um método de ensino ou como um laboratório de pesquisas. Para os alunos de graduação o principal foco é a utilização do método, e não a sua análise. Da mesma forma que quando um professor usa o método de estudo de caso, ele já inicia com o caso em si, e não com tópicos relacionados a este método, com a simulação gerencial o professor também já deve entrar diretamente com a prática simulada.

Existem ainda algumas questões operacionais já discutidas por pesquisadores e que também devem ser consideradas quando da utilização do método, tais como, divisão das equipes (Bacon *et al.*, 2001), uso de sistemas de apoio às decisões (Burns & Bush, 1991; Fritzche *et al.*, 1987) e uso da Internet (Potosky, 2004). Entretanto, não é objeto deste artigo aprofundar-se em questões operacionais do método. Estas, e outras questões, podem ser analisadas em artigos de congressos específicos sobre o tema. O principal congresso na área de simulação gerencial é realizado pela Association for Business Simulation and Experiential Learning (ABSEL, 2007). Realizado anualmente desde 1974, este congresso já dispõe de um número superior a dois mil artigos publicados em seus anais. No site da ABSEL (www.abel.org) também é possível obter um direcionamento para outras associações na área, bem como para a Simulation & Gaming, revista científica oficial das principais associações relacionadas a jogos e simulações.

Avaliação dos alunos

A maior parte das atividades desenvolvidas na simulação gerencial consiste em tomar decisões gerenciais e avaliar seus resultados por meio de relatórios das empresas simuladas. Por isto, praticamente todos os professores utilizam o desempenho destas empresas como um dos critérios para avaliar o desempenho dos alunos (Anderson & Lawton, 1989). Entretanto, pesquisas científicas têm comprovado não existir relação entre o desempenho das empresas simuladas e o aprendizado obtido pelos alunos (Anderson & Lawton, 1992; Washbush & Gosen, 2001). Em mais de 10 anos utilizando regularmente este método, tanto em cursos de graduação, quanto de pós-graduação, os autores deste artigo também têm percebido que, em várias ocasiões, os alunos das empresas simuladas com piores desempenhos apresentam um grande sentimento de satisfação pelos conhecimentos adquiridos. Já nos alunos com os melhores desempenhos nas empresas simuladas, existe uma satisfação de vitória, embora a percepção de aprendizado muitas vezes não seja observada. A justificativa para a falta de relação entre o desempenho empresarial simulado e o aprendizado obtido está na abordagem vivencial em que o método se baseia. Nesta abordagem o aprendizado ocorre através da tentativa e erro. Assim, os erros cometidos, se assimilados, não são mais repetidos, entretanto, em muitos casos, as decisões erradas provocaram prejuízos que as decisões posteriores não conseguiram recuperar.

Em virtude da argumentação anterior, os iniciantes no método podem se questionar: por que então utilizar o desempenho da empresa simulada para avaliar o aprendizado dos alunos se não existe relação entre estas duas variáveis e se o objetivo do método é transmitir aprendizado gerencial? Washbush & Gosen (2001) justificam este paradoxo afirmando que em organizações reais, e mesmo nas universidades, o que é avaliado é o desempenho e não o aprendizado. Analisando por outra perspectiva, a utilização do desempenho empresarial simulado como critério de avaliação dos alunos é justificado pelo simples fato deste desempenho ser o fator motivacional necessário para que os alunos busquem melhorar seus resultados trazendo, como consequência, o aprendizado como um sub-produto do processo. Esta seria a principal causa da utilização do desempenho empresarial simulado para avaliação dos alunos, e não apenas porque este desempenho está disponível para uso, ou mesmo porque os outros professores o utilizam.

O recomendado, entretanto, é que o desempenho empresarial não seja o único critério a ser utilizado e, mesmo que existam outros critérios, o peso atribuído ao desempenho empresarial não deve provocar a reprovação do aluno. Se isto ocorrer, o professor pode estar reprovando um aluno que, apesar do mau desempenho empresarial, pode ter apreendido muito com a experiência. Uma medida a ser utilizada para evitar tal distorção é atribuir a nota mínima nos critérios de desempenho empresarial, a nota necessária para aprovação. Assim, uma eventual reprovação do aluno não será baseada exclusivamente nos critérios de desempenho empresarial. Um sistema de avaliação da disciplina de simulação gerencial deve, então, utilizar um conjunto de indicadores, envolvendo mais de um critério de desempenho empresarial (por exemplo, rentabilidade, endividamento, participação de mercado, liquidez), critérios de participação (por exemplo, envolvimento em sala de aula e, quando disponíveis, acessos a ambientes de ensino a distância - EAD), e critérios tradicionais (trabalhos escritos e provas). A este respeito, Anderson & Lawton (1988) apresentam um interessante artigo combinando diferentes tipos de critérios de avaliação com objetivos de aprendizagem baseados na taxonomia de Bloom.

A escolha do professor

Uma vez definido que o curso terá uma disciplina específica intitulada Simulação Gerencial, Simulação Empresarial, Jogos de Empresas ou Jogos de Negócios, uma etapa importante para a sua implantação é a escolha do professor que irá ministrá-la. Considerando que a disciplina será oferecida no último ano de um novo currículo, então haverá tempo suficiente para esta escolha. O perfil do professor que irá ministrar esta disciplina deverá englobar características inerentes a qualquer professor, mas também algumas características específicas requeridas pelo método. Uma destas características é o perfeito domínio do método em questão. Neste quesito estão inclusos o profundo conhecimento do modelo empresarial simulado, normalmente explicitado pelo manual da empresa simulada, das funcionalidades do simulador utilizado, e domínio da dinâmica da simulação. O modelo empresarial simulado e o sistema de simulação são específicos para cada produto, enquanto a dinâmica da simulação é independente do produto.

Outra característica importante do professor é o conhecimento sistêmico do funcionamento de uma empresa. Isto não significa que o professor deva ser um especialista em cada área funcional da empresa, mas ele deve ter uma noção básica do que ocorre em cada área e das inter-relações. Um especialista em marketing, mas que não saiba os conceitos básicos de finanças, por exemplo, seria um ótimo professor para uma simulação específica de marketing, mas não teria os conhecimentos básicos para ministrar uma disciplina específica de Simulação Gerencial. Uma preocupação adicional deve ser quando da escolha do professor para o curso de Ciências Contábeis. Neste caso, é desejável um professor com formação básica em administração, e especialização em contabilidade gerencial, ou formado em Ciências Contábeis, e especialização em administração. Assim, estaria assegurado aos alunos deste curso o enfoque contábil no que se refere à importância da contabilidade gerencial para o processo decisório, bem como as noções básicas do funcionamento de uma empresa de uma forma holística.

O professor de simulação gerencial também deve ter uma visão prática, e não apenas teórica, do mundo dos negócios. Esta visão, oriunda de uma experiência empresarial prévia, permite não apenas integrar teoria à prática, mas, sobretudo, contextualizar a simulação. Contextualização consiste na realização de uma análise comparativa entre o modelo simulado da realidade e a própria realidade. Semelhanças e diferenças existem entre estes dois ambientes e devem ser discutidas quando da finalização de uma simulação. Se o professor não tiver uma experiência empresarial prévia, este comparativo não pode ser feito ou, se feito, pode incorrer em distorções de aprendizado no aluno, como já alertava Carson (1967) nos primeiros anos de pesquisa sobre o método.

Os autores deste artigo já participaram na formação de dezenas de professores para ministrar a disciplina de Simulação Gerencial. Em alguns casos, foi observada claramente a falta de domínio dos conceitos básicos em mais de uma função empresarial e de uma visão prática do mundo dos negócios. Em virtude destas limitações, estes professores não estariam explorando todas as potencialidades que o método oferece. Considerando que o método é formado por três elementos principais, ou seja, o simulador, a metodologia de aplicação utilizada e o professor, o sucesso ou fracasso de uma simulação gerencial está então diretamente relacionado ao papel exercido pelo professor.

Avaliação do método

A abordagem educacional tradicional coloca o professor no papel central no processo de ensino-aprendizagem. O método da simulação gerencial transfere este papel do professor para o aluno, tornando o aluno agente ativo deste processo. Esta transferência se dá de forma relativamente simples, pois o método se baseia na aprendizagem vivencial, ou seja, “aprender fazendo” (Sauaia, 1995:27). Inerente a esta abordagem está o princípio da experimentação onde, por meio de tentativas e erros, o aluno vivencia uma realidade simulada e aprende com esta experiência. Isto, dentro de um clima motivacional altamente favorável. Entretanto, o método precisa ser validado para que a sua introdução seja justificada nos cursos de Administração e Ciências Contábeis.

Feinstein & Cannon (2002) apresentaram um artigo seminal sobre a avaliação do método de simulação gerencial. Para eles, esta avaliação deve ser analisada sob três principais aspectos: fidelidade, verificação e validação. Fidelidade indica o nível de realismo que a simulação representa para o aluno. Os autores alertam, entretanto, que os simuladores devem buscar um determinado nível de realidade, mas não a ponto de tornar a simulação tão complexa que prejudique o processo de aprendizagem. Assim, quando da escolha entre simuladores para utilização, o grau de complexidade, por si só, não deve indicar que um simulador é superior a outro. A complexidade de um simulador depende do número de variáveis de decisão que o aluno deve tomar. Para Keys & Wolfe (1990), um simulador pode ser considerado complexo se existirem mais de 30 variáveis de decisão.

O conceito de verificação consiste no processo de avaliar se o modelo simulado está operando conforme o esperado. No processo de verificação o objetivo é depurar o modelo simulado isolando e eliminando a maioria dos erros computacionais. Este processo segue as etapas do desenvolvimento de softwares, ou seja, depuração das versões alfa e beta dos simuladores. A depuração da versão alfa é realizada pelos próprios desenvolvedores dos simuladores, enquanto a versão beta é depurada por usuários independentes e sob diversas condições. Quando da especificação do simulador a ser utilizado, as instituições de ensino devem buscar indícios da conformidade do simulador com este conceito. O questionamento junto ao fornecedor do simulador do número de usuários e dos anos de sua utilização é um primeiro passo para a identificação desta conformidade, pois, quanto maior o número de usuários e de anos de desenvolvimento do simulador, maior a probabilidade de ter sido eliminada a maioria dos erros computacionais. Outros aspectos não diretamente relacionados à verificação de modelo simulado, mas igualmente importantes considerando o simulador como um software, seriam a sua facilidade de uso, os recursos adicionais disponíveis, a frequência de atualização e a disponibilidade de suporte técnico ao usuário. A verificação, conforme alertada pelos autores, é condição necessária, mas não suficiente para a validade.

Finalmente, o conceito de validação é definido pelos autores como o processo de avaliar se as conclusões obtidas com a simulação são similares àquelas obtidas no mundo real sendo modelado. Feinstein & Cannon (2002) identificaram 22 diferentes conceitos de validação da simulação, obtidos por meio de revisão bibliográfica. Eles compilaram estes diferentes conceitos em duas dimensões básicas: desenvolvimento do simulador versus sua aplicação e validade interna versus validade externa. O desenvolvimento do simulador representa questões relacionadas à sua validade representacional, enquanto a sua aplicação representa questões relacionadas à validade educacional no processo de aprendizagem. Já a validade interna indica o grau que a simulação funciona da maneira em que ela foi intencionada,

enquanto a validade externa indica se o funcionamento interno corresponde a fenômenos relevantes fora da simulação.

Muitos dos aspectos relacionados aos conceitos de validade representacional versus validade educacional e validade interna versus validade externa, definidos por Feinstein & Cannon (2002), parecem estar mais direcionados às pesquisas sobre simulação gerencial do que a uma preocupação imediata dos professores que desejam utilizar este método. Entretanto, é importante que os usuários deste método balizem suas ações no sentido de tornar suas simulações as mais válidas possíveis para os alunos. Seria desastroso direcionar este método apenas como uma atividade lúdica, embutindo na mente dos alunos o chamado “efeito videogame” (Lane, 1995), onde o importante é “ganhar o jogo”, ficando o aprendizado relegado a segundo plano.

Conclusão

Este artigo, embora de conteúdo prescritivo, teve por objetivo servir de ponto de reflexão para a decisão de incluir, ou não, o método no currículo dos cursos de Administração e Ciências Contábeis, ou para a sua adequação nos cursos que já o utilizam. Se a decisão for pela inclusão, ou manutenção, da simulação gerencial, então este artigo poderá servir como um instrumento de aprimoramento de sua utilização. Diversos aspectos relacionados à introdução e operacionalização do método de simulação gerencial como disciplina isolada foram discutidos. Referências para discussões mais aprofundadas também foram apresentadas.

Os autores deste artigo acreditam no potencial da simulação gerencial como instrumento para redução da distância que existe entre a teoria e a prática nos cursos de Administração e Ciências Contábeis. Entretanto, o seu uso deve ser feito de forma muito bem planejada e executada para evitar que este método de ensino seja utilizado por simples mimetismo acadêmico. Duas medidas devem ser adotadas para que o método se expanda com fundamentação. A primeira é buscar em literaturas estrangeiras, principalmente nos Estados Unidos e em países europeus, os alicerces já criados para a utilização deste método. A segunda medida é criar uma massa crítica de usuários do método, estimulando-os a fazer pesquisas sobre o tema e a trocar experiências em congressos científicos.

Referências bibliográficas

ABSEL. **Association for Business Simulation and Experiential Learning**. <http://www.absel.org> acessado em 16 de julho de 2007.

ANDERSON, P. H.; LAWTON, L. Assessing Student Performance on a Business Simulation Exercise. **Developments in Business Simulations and Experiential Learning**, 15, 241-245. 1988.

ANDERSON, P. H.; LAWTON, L. A survey of methods used for evaluating student performance on business simulations. **Simulations & Gaming**, 23, 326-340. 1992a.

ANDERSON, P. H.; LAWTON, L. The relationship between financial performance and other measures of learning on a simulation exercise. **Simulations & Gaming**, 23, 326-340. 1992.

- ANDLINGER, G. H. Business Games – Play One! **Harvard Business Review**. 36, 2, 115-125. 1958.
- BACON, D. R.; STEWART K. A.; ANDERSON E. S. Methods of assigning players to teams: A review and novel approach. **Simulations & Gaming**, 32, 1, 6-17. 2001.
- BERNARD, R. R. S. Estrutura de utilização dos jogos de empresas nos cursos de graduação em administração e Ciências Contábeis do país e avaliações preliminares de uma disciplina baseada neste método. **Encontro Nacional dos Cursos de Graduação em Administração – XVII ENANGRAD**, CD-ROM. 2006.
- BURNS, A. C.; BUSH, R. F. Using DIS ‘N DAT as a decision support system for a marketing simulation game. **Developments in Business Simulations and Experiential Learning**. 18, 5-10, 1991.
- CARSON, J. R. Business Games: A Technique for teaching decision-making. **Management Accounting**. 43, 4, 31-35. 1967.
- FARIA, A. J. A Survey of the use of Business Games in Academia and Business. **Simulations & Gaming**. 18, 2, 207-224. 1987.
- FEINSTEIN, A. H.; CANNON, H. M. Constructs of simulation evaluation. **Simulations & Gaming**. 33, 4, 425-440. 2002.
- FRITZCHE, D. J.; RODICH, G. W.; COTTER, D. Integrating decision support systems and business games. **Developments in Business Simulations and Experiential Learning**. 14, 63-66, 1987.
- KEYS, B.; WOLFE, J. The role of management games and in simulation in education and research. **Journal of Management**, 16, 2, 307-336. 1990.
- LANE, D. C. On a Resurgence of Management Simulations and Games. **Journal of the Operational Research Society**. 46, 604-625. 1995.
- POTOSKY, D. Developing and Teaching an Online / In-Class Hybrid: A Demonstration. **Developments in Business Simulations and Experiential Learning**. 31, 28-31. 204.
- SAUAIA, A. C. A. **Satisfação e Aprendizagem em Jogos de Empresas: Contribuições para a Educação Gerencial**. Tese. Doutorado. USP. São Paulo. 1995.
- TANABE, M. **Jogos de Empresas**. Dissertação. Mestrado. USP. São Paulo. 1977.
- WASHBUSH, J.; GOSEN, J. An exploration of game-derived learning in total enterprise simulations. **Simulations & Gaming**, 32, 3, 281-296. 2001.